



Cláutenes Oliveira foi uma das primeiras professoras da Metropolitana, para onde veio se curar de uma antiga paixão e acabou encontrando o marido, Inácio, com quem está casada até hoje

Onde começa a história da cidade

Primeiro acampamento de trabalhadores da Novacap, a Metropolitana hoje mistura os velhos barracos com casas de vidro fumê

Cristine Gentil
Da equipe do Correio

Longos cabelos loiros, meia arrastão e minissaia. A chegada daquela menina com nome de Deus do Fogo e visual *Wanderléa* no primeiro acampamento de trabalhadores da Novacap causou grande impacto. O mesmo susto que ela levou ao se separar com o amontoado de barracos de madeira cercado de poeira e barro vermelho.

Aos 17 anos, Cláutenes Mourão Oliveira desembarcou no acampamento da Metropolitana — uma das empresas contratadas para construir Brasília. O nome da empresa foi herdado pela vila do Núcleo Bandeirante — antiga Cidade Livre — onde vivem hoje 2,5 mil pessoas. Cláutenes, hoje

com 52 anos, faz parte do grupo de 3% — segundo os cálculos da Prefeitura — daqueles que são a própria história dos 41 anos da *Metro*.

Cláutenes foi uma das primeiras professoras da antiga Escola da Metropolitana, atualmente Centro de Ensino de 1º grau, declarado patrimônio histórico da humanidade em 1995. “Todos ficaram surpresos de ter uma professora tão nova. Hoje, depois de trinta anos de sala de aula, se eu for para o meio da vila e perguntar quem já foi meu aluno, acho que quase todo mundo vai levantar o dedo”, diz, orgulhosa, Cláutenes, aposentada há quatro anos.

É na cabeça dos pioneiros que estão registrados os momentos mais importantes da vila fixada oficialmente em 1983. Graças à organização dos pioneiros, a Metropolitana foi loteada da mesma forma como se deu a ocupação dos lotes desde 1956. Hoje, mansões de vidro fumê convivem com pequenas casinhas de madeira desgastadas pelo tempo. A disposição das ruas continua da mesma forma: uma bagunça organizada que todos dali entendem.

Quatro ruas tem nome — da Igreja, da Ferrovia, Triângulo e Boa Vista. As outras são um emaranhado de nímetros. Duas ruas de número 1 (uma principal e outra do Setor de Engenheiros), três ruas número 3, duas 11, duas 12, duas 4 e duas cinco. E por aí vai.

“A fixação demorou muito a sair. Muita gente, com medo de não poder continuar lá, aceitou lote em outros locais. Outros acabaram vendendo os lotes. Poucos pioneiros ficaram”, conta o prefeito comunitário William Gonçalves da Silva, que nasceu e cresceu na vila Metropolitana e hoje passeia pelas ruas cumprimentando todo mundo que passa.

Quem ficou lembra os velhos tempos com o misto de saudade e alívio.

Saudades das festas e shows no Grêmio, clube que funcionava no campo de futebol. “Eu recepcionei Roberto Carlos, Clara Nunes, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso e muitos outros artistas que se apresentaram lá”, lembra Cláutenes, que era tratada como minha mulher. Construí uma casinha de madeira aqui mesmo. Em frente, ficava o pátio de serviço da Novacap”, lembra Joaquim, goiano de Pirenópolis, também conhecido como seu Zuzu.

Wanda não se esquece da primeira imagem que seus olhos viram na Metropolitana. “Quando desci do carro com minha mala de enxoval, quase voltei para o carro e fui embora. A casa não tinha janela, nem forro, e nem o banheiro estava pronto”, conta. A falta de infra-estrutura era tanta que um dos três filhos — Paulo, que está com 33 anos — nasceu no próprio barraco, pelas mãos do marido. “Não deu tempo pra nada. Eu já tinha acompanhado o nascimento do meu primeiro filho e fiz o parto. O médico chegou no final”, orgulha-se o marido-parteiro.

Joaquim lembra que para comprar carne e outros suprimentos tinha que pegar um jipe e ir até Luziânia-GO. A distância, atualmente percorrida em 25 minutos, era feita em três dias. “Pelo menos um dia a gente gastava tirando carro do atoleiro”, relata.

GRANDE FAMÍLIA

A Metropolitana tem

2,5 mil

habitantes, que moram em uma vila com

0,342

quilômetros quadrados de área, dividida em

30

ruas e

565

lotes

Fonte: Administração do Núcleo Bandeirante

HISTÓRIAS DE GENTE

Dona Fifica
(Sebastiana Gomes Dutra) 62 anos — Rua 7, casa 15. Há 37 anos, chegou na vila Metropolitana. Comadre de uma porção de gente, criou quatro filhos e mais quatro sobrinhos na mesma casa em que hoje mora com o marido e dois filhos. O marido veio desbravar “o cerrado do DF”. Dona Fifica, apelido que ela mesma se deu ainda menina, foi uma das primeiras cabelereiras da vila. Era ela quem aprontava os cabelos das moças para a Hora Dançante, festa que acontecia todos os domingos, no grêmio.

Gilmar Zacarias
62 anos — Rua 10, lote 1. É um dos endereços mais conhecidos da Metropolitana. Funciona a sapataria Consertos de Calçados num pequeno cubículo onde ele passa seis dias por semana. Gilmar veio de Ipameri-GO há 34 anos procurar emprego na construção de Brasília. Não achou. Abriu uma sapataria, que ainda hoje é procurada pelos pioneiros, mesmo os que já saíram da vila. Mora na Ceilândia, mas quer construir uma casa na vila a todo custo.

Dona Maria Rezadeira
(Maria dos Santos), 67 anos — Rua principal 1, casa 25. De segunda a sexta-feira, de 8h às 11h e das 14h às 18h, a portão dela está sempre aberto. Há 35 anos, essa baiana tira quebrante e cura com seu xarope os males dos moradores da vila e de gente de todo o Distrito Federal. É bastante procurada para benzer de graça as famílias e casas de políticos e empresários do Distrito Federal.

SAUDADE

José Carmélio Barbosa
Rua 1, casa 1, Setor dos Engenheiros. Pioneiro da Vila Metropolitana, aposentado da Novacap e fazendeiro, morava numa casa azul toda de madeira, onde estavam preservadas as características originais. Apesar da vida financeira tranquila, não trocava a casinha por nada. Morreu em acidente no ano passado, aos 55 anos, deixando muitas saudades nos moradores. Na garagem, no mesmo azul da casa, um carro Peugeot, modelo Pacer, que todos dizem ter sido comprado do ex-presidente Itamar.

Aristides de Vasconcelos
Rua 3, casa 2. Personagem folclórico da Metropolitana. Morreu aos 91 anos, completamente lúcido, em outubro de 91. Caminhava pelas ruas da cidade com uma bengala na mão, que costumava bater nas canelas da garotada. Era um sinal para que lhe tomassem a bênção. Chegou a Brasília ainda em 1956 e adorava contar as histórias da vila.

